

O SELF NA PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE¹

Sarah Mercer²

sas_mercer@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Talvez seja óbvio afirmar que o *Self* é complexo. Refletir rapidamente sobre a questão do "quem você é" nos deixa com uma infinidade de autodescrições, incorporando uma gama de cognições autorrelacionadas, crenças, emoções, motivos, papéis, relacionamentos, memórias, sonhos e objetivos, bem como expressões de quem você sente que não é. O *Self* é o centro de todas as nossas experiências vividas. Não é, portanto, surpreendente que haja um objetivo principal para pesquisadores, em muitos campos, compreender melhor a natureza, a composição e o desenvolvimento do *Self*.

No entanto, o ponto de partida para que qualquer pesquisa seja válida e confiável é uma clara definição operacional de seus construtos. E é aí que reside o inerente problema em pesquisar o *Self*. Claramente, algo tão variado como a autoimagem desafia uma definição purista e organizada. No entanto, com o objetivo de atender às exigências da pesquisa, foram feitas tentativas para delimitar as fronteiras do *Self* tornando-o mensurável e quantificável. No paradigma experimental dominante na pesquisa baseada

¹ Originalmente publicado em: MERCER, S. The Self from a Complexity perspective. In: MERCER, S.; WILLIAMS, M. *Multiple perspectives on the Self in SLA*. Toronto: Multilingua Matters, 2014.

² Bacharel em Estudos Europeus (França, Alemanha e Políticas) em Royal Holloway, na Universidade de Londres. Mestre em TEFL pela Universidade de Reading. Ph.D em Linguística Aplicada pela Universidade de Lancaster. Atua principalmente na área de Linguística Aplicada na Universidade de Graz, Áustria.

em estudos de Psicologia, isso tem significado utilizar definições rigorosas e limitadas de construtos teóricos, a fim de reforçar pontuações correlacionais aumentando a confiabilidade dos estudos quantitativos. No entanto, fenomenologicamente, temos um sentido intuitivo de *Self*, o que engloba uma gama muito mais ampla de crenças, sentimentos e motivações do que muitas das autoconstruções são capazes de capturar. Neste capítulo, proponho um conceito de autoimagem que pode ajudar a unir diversas perspectivas sobre o *Self* e que pode gerar novas ideias sobre este fenômeno de tal maneira que permita um maior reconhecimento da sua inerente complexidade, situacionalidade e dinamismo.

1. PERSPECTIVAS INTEGRATIVAS DO SELF

Além da pesquisa tradicional que se utiliza de uma variedade de autoconstruções conceitualmente distintas, alguns pesquisadores em Psicologia e Aquisição de Segunda Língua (ASL) começaram a abraçar conceituações mais holísticas e dinâmicas do *Self*. Na psicologia, por exemplo, se têm feito vários esforços na tentativa de encontrar abordagens mais integradoras para a compreensão da imagem de si, que se estendem através de diversas teorias sobre o *Self*, fronteiras disciplinares e abordagens metodológicas (ver, por exemplo DEUX; PERKINS, 2001; NEISSER, 1988; OSBOURNE, 1996). Tais obras reúnem essencialmente várias teorias e descobertas para criar uma teoria unificada coerente e compreensiva da autoimagem baseada em uma série de perspectivas. As teorias posteriores tendem a compreender conceptualizações do *Self* como composto de múltiplos tipos interconectados de autocrenças, motivações e emoções, que estão intimamente conectados com os contextos e se apresentam de forma e dinâmica diferente em tempo e lugar; características que lembram as de sistemas dinâmicos complexos.

Uma perspectiva de sistemas dinâmicos explícita sobre a autoimagem tem sido defendida na Psicologia por Mischel e Morf (2003). Os autores propõem um modelo integrativo do *Self* e argumentam não ser este exclusivamente “deles”, mas representa “um esforço para integrar diversas contribuições já existentes” (MISCHEL; MORF, 2003: 16). Os autores conceituam o *Self* como um “sistema de processamento dinâmico psicossocial”. O ponto central para a compreensão desse modelo é a ideia de que o *Self*

não é uma coleção de atributos estáticos, mas um sistema coerente e organizado de “unidades” cognitivo-afetivas que estão interligadas entre si e formam uma rede única para cada pessoa. Mischel e Morf (2003) sugerem que as diferenças individuais na autoimagem podem ser entendidas em relação às diferentes estruturas organizacionais dessas unidades da rede. Em termos de dinâmica, os autores concluem que o autossistema é sensível aos contextos e adapta-se continuamente e incorpora diferentes características dos ambientes e das interações sociais, dependendo de quais fatores situacionais são especialmente marcantes para um indivíduo em particular. Apesar de reconhecer a dinâmica dos autossistemas e, de fato, sublinhando a ideia de processo e dinâmica em seu modelo, os autores também alertam que o autossistema, da forma como é concebido, também é relativamente estável de duas maneiras possíveis: em primeiro lugar, em termos de como a estrutura da rede é organizada para um indivíduo e, em segundo lugar, em termos dos tipos de processos da autorrelação tipicamente ativada para determinados indivíduos em contextos específicos.

Outros autores, na Psicologia, também propuseram de forma explícita abordagens de sistemas dinâmicos para o *Self* (ver, por exemplo NOWAK *et al.*, 2000; NOWAK *et al.*, 2005; VALLACHER; NOWAK, 1997; VALLACHER *et al.*, 2002a.). Em 2002, uma edição especial que revisou questões da Personalidade e Psicologia Social foi dedicada a perspectivas dinâmicas e abordagens para estudar a personalidade. Em seu artigo introdutório para esse volume, Vallacher *et al.* (2002b: 264) argumentam que “o tema da personalidade e da psicologia social é inerentemente dinâmico” e concluem que “ninguém questionaria a ideia de que a experiência social humana é complexa e dinâmica, nem a maioria dos observadores negaria a potencial relevância e utilidade de sistemas dinâmicos não-lineares para fenômeno pessoal e interpessoal” (VALLACHER *et al.*, 2002b: 268).

Nos estudos da ASL, todo o campo das diferenças individuais do aluno tem avançado para outro de maior complexidade e dinamismo através dos contextos e do tempo (MERCER, 2011a; MERCER *et al.*, 2012). No que diz respeito à autoimagem, mais precisamente, uma perspectiva mais holística, integrativa, foi oferecida por Van Lier (2004) em seu modelo ecológico do *Self*. O autor argumenta que o *Self* é dialógica e socialmente construído e destaca a estreita ligação entre a linguagem e a sua construção.

Consideravelmente, o autor chama a atenção para a natureza contínua da autoconstrução ao longo da trajetória de vida enquanto as pessoas buscam continuamente estabelecer seu lugar no mundo (VAN LIER, 2004: 131). Uma característica fundamental de uma perspectiva ecológica é a importância de pontos de vista personificados do *Self*, em outras palavras, significa que os nossos corpos são parte integrante de nós mesmos e, assim, a ligação inseparável entre corpo e mente (VAN LIER, 2004: 107). Também enfatiza o conceito de emergência, o que significa que o *Self* torna-se uma entidade diferente através das suas experiências e o desenvolvimento de alguém que pode ser deduzido a partir dos componentes de suas partes ou de seu estado anterior.

2. O SELF COMO UM SISTEMA DINÂMICO COMPLEXO

Seguindo essa tendência para as perspectivas de integração, gostaria de descrever como o *Self* pode ser conceituado como um sistema dinâmico complexo (ver também MERCER, 2011a; 2011b). A primeira característica fundamental de um sistema complexo dinâmico é que este é constituído por vários componentes inter-relacionados. Em relação ao *Self*, esses elementos foram diferentemente definidos, como em termos de construções tradicionais de autoeficácia, autoconceitos de domínios específicos, tais como autoconceito de matemática ou autoconceito de inglês como LE, *Selves* relacionais, identidades, etc. Alternativamente, tem sido definido em termos de processos ou relações de unidades cognitivo-afetivo específicos (por exemplo, MISCHEL; MORF, 2003). É importante notar que os componentes do sistema podem ser sistemas, por direito próprio, ao mesmo tempo que, parte de um sistema maior. Como resultado, torna-se difícil separar os sistemas, uma vez que nenhum sistema pode ser pensado como sendo completamente independente. Assim, por exemplo, o *Self* individual pode ser visto como um sistema dinâmico complexo; no entanto, dentro de uma sala de aula coletiva, pode também ser entendido como uma parte do componente do sistema maior sala de aula. Logo, o senso de autoimagem do aluno influencia o caráter e a dinâmica do grupo em sala de aula por meio de sua participação, mas, ao mesmo tempo, como se veem como um indivíduo também são influenciados pela interação com o grupo (cf. MORIN, 2008). Sistemas dinâmicos complexos são, portanto, muitas vezes, referidos como sendo

“sistemas abertos”, em relação à influência de outros subsistemas do sistema que está sob investigação.

A segunda principal característica de um sistema complexo e dinâmico diz respeito à natureza da sua dinâmica. Dentro de um sistema, tudo é concebido como sendo um estado de fluxo, o que pode levar a vários tipos de dinâmica. Por exemplo, um sistema pode mudar constantemente adaptando e mantendo o equilíbrio conhecido como “estabilidade dinâmica” (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008: 43) ou “homeostase” (cf. NOWAK *et al.*, 2005: 354). Porém, o sistema também pode mudar de formas mais dramáticas ou súbitas, como através de influências potencialmente pequenas em pontos críticos, muitas vezes referida como “efeito borboleta”, bem como gradualmente por meio de uma mudança gradativa ao longo do tempo. Como todos os componentes do sistema são interdependentes, alterações em uma de suas partes poderá provocar mudanças em outras partes do sistema, de forma que não são inteiramente previsíveis, e, conseqüentemente, sistemas complexos são descritos como sendo não-lineares. Dörnyei e Ushioda (2011: 37) explicam que,

por causa das múltiplas interações entre os constituintes do sistema – que também envolvem fatores ambientais – o sistema está constantemente em movimento, mas a direção da mudança não pode ser atribuída a qualquer variável única de forma isolada, por ser uma função do estado global do sistema.

Portanto, não há uma única causa das mudanças e, conseqüentemente, simples modelos de causa e efeito não podem capturar os tipos de dinâmicas inerentes a tais sistemas.

Essas dinâmicas não-lineares também apontam para uma outra característica chave, denominada emergência. Esta refere-se a alterações no estado de um sistema, de modo que as suas propriedades emergentes tornem-se diferentes das do seu estado anterior, e não podem ser reduzidas ou explicadas pelos seus componentes individuais ou a soma dos componentes separados. Em outras palavras, o funcionamento coletivo do sistema como um todo orgânico não pode ser previsto a partir de uma compreensão dos componentes individuais. Assim, as propriedades do sistema como um todo, são mais do que simplesmente a soma das suas partes separadas (MASON, 2008: 33), ou pelo menos diferente da soma das suas partes (LEWIN, 1951 citado em EHRMAN; DÖRNYEI, 1998:

14). Outra maneira de falar sobre essa qualidade emergente é em termos de auto-organização, que se refere ao processo pelo qual o sistema se organiza para um novo estado, ao invés de alguma força externa atuar como agente organizador. Em relação ao Self, o conceito de emergência reflete entendimentos de autoestruturas mais globais, tais como a autoestima, que não pode ser entendida de forma isolada em termos dos elementos dos componentes do Self individual, mas sim como emergente da interação de múltiplas formas e fontes de informação autorrelevantes que são pesadas e avaliadas em uma variedade de processos que conduzem ao nível macro no sentido emergente da autoestima global (ver, por exemplo, MRUK, 2006).

Ao considerar essas características, o Self pode ser pensado como um sistema dinâmico coerentemente organizado abrangendo todas as crenças, cognições, emoções, motivações e processos relacionados com e acerca de si mesmo. Isso implica que a autoimagem pode ser entendida como um processo contínuo que nunca é concluído, mas está continuamente em um estado de desenvolvimento e surgimento de auto-organização. Por ser um sistema aberto, o Self não deve ser pensado como situado exclusivamente dentro da mente do indivíduo. Ao contrário, em conformidade com as perspectivas personificadas, o Self está intimamente ligado ao mundo físico por meio de ações, comportamentos e sentidos físicos, unindo, assim, corpo, mente e meio ambiente. Uma distinção importante proposta por Schwartz (2007: 97) distingue entre “Self como um organismo” e “senso de Self” de uma pessoa. O autor argumenta que o primeiro capta a ideia de um todo unificado, sendo coerente integrar mente e corpo em “um único sistema integrado, organizado”, enquanto o segundo reflete “a experiência individual de Self como um ser coerente” (SCHWARTZ, 2007: 99). A partir da perspectiva da complexidade, sugere que o Self seja pensado como um sistema dinâmico complexo considerando sua totalidade, com um componente central, no qual o núcleo deste sistema é representado pelo senso de Self de uma pessoa. É então essa sensação de Self que é mais provável ser acessada na pesquisa como uma noção consciente de si mesmo que os indivíduos assumem, pelo menos, parcialmente, conscientes e capazes de articular por meio de dados de autorrelato.

3. A DINÂMICA E A EMERGÊNCIA DO SELF

Uma das características do Self que tem sido talvez a mais polêmica e tem causado debate diz respeito ao seu dinamismo. Resultados de investigação têm sido, por vezes, vistos como contraditórios ao sugerirem que o Self é estável e dinâmico, bem como consistente e inconsistente (por exemplo, HARTER, 1999; MARKUS; KUNDA, 1986; MARKUS; WURF, 1987; MERCER, 2009; 2011b; ONORATO; TUNER, 2004). A partir de visões tradicionais que defendiam a perspectiva ou/ou sobre o dinamismo do Self, os resultados foram considerados incompatíveis; no entanto, a partir de uma perspectiva da complexidade, estas características da autoimagem devem ser esperadas e podem, de fato, potencialmente, ser previstas mediante modelos de dinâmica do sistema.

Os debates mais recentes em torno da autoimagem argumentam sobre o fato de o Self ser uma construção intrinsecamente mental, estática ou dinâmica e socialmente construída. Nos últimos anos, tornou-se amplamente aceito que o Self não se desenvolve em um vácuo, mas é influenciado por experiências, fatores ambientais e relações interpessoais. Na verdade, a alegação de que o Self é dinâmico em relação a vários contextos e experiências é, sem dúvida, intuitivamente familiar pelas próprias experiências vividas pelas pessoas a respeito do “senso de Self”. Como Vallacher *et al.* (2002b: 265) explicam:

O grande número e variedade de fatores identificados como relevantes para a experiência humana garante que tudo o que as pessoas pensam e fazem seja constantemente sujeito a alterações. Pensamentos, sentimentos e ações são influenciados por uma miríade de estímulos sociais que variam de uma gama dos que são momentâneos e triviais (por exemplo, um olhar de um estranho) para aqueles que são persistentes e significativos (por exemplo, a crítica de um ente querido). Essa influência é central para a interação social todos os dias, fazendo com que cada pessoa responda aos reais ou imaginários pensamentos, sentimentos e ações da outra pessoa.

No entanto, não é a influência unidirecional de contextos, *feedback* de outras pessoas ou experiências que leva à mudança no Self, mas este emerge de uma série de processos concorrentes enquanto ele mesmo media influências externas para selecionar, avaliar e interpretar a relevância e o significado dessas influências para o Self. Esta mediação pode ser o resultado de uma série de possíveis motivos autorrelacionados, tais como a autoavaliação (para obter um sentido preciso do Self), o autoaperfeiçoamento

(para obter uma melhor sensação de Self), a autoproteção (para manter a consistência no senso de Self) ou autocongruência (para manter a congruência entre o senso de Self e comportamentos) (ver, por exemplo, OSBORNE, 1996). Assim, o autossistema é ágil e adaptável aos contextos; no entanto, quando entramos em alguma situação, o fazemos com um esquema já estabelecido sobre nós mesmos, bem como sobre os tipos de pessoas ou a configuração em que nos encontramos. Como Nowak *et al.* (2000: 39) destacam, antes que possamos nos envolver com qualquer comportamento ou processos de autorrelevância, devemos “ter uma perspectiva razoavelmente coerente sobre o vasto número de características relevantes para a autocompreensão”. Em outras palavras, a enorme gama de cognições autorrelevantes, emoções, objetivos, motivações, identidades, etc., deve ser organizada em conjunto, de alguma forma, a fim de fornecer-nos uma forma coerente, reconhecível em oposição ao sentido fragmentado de si mesmo. Dessa maneira, o Self como sistema pode ser pensado como tendo uma estabilidade relativa subjacente semelhante à noção de equilíbrio ou homeostase (NOWAK *et al.*, 2005: 354). Nowak *et al.* (2005: 78) concluem que, “A noção de personalidade implica alguma forma de estabilidade no pensamento, na emoção e na ação. Ao mesmo tempo, a experiência humana é inerentemente dinâmica e em constante evolução em resposta a circunstâncias externas e eventos”. Contudo, permanecem perguntas sobre como as diferentes dinâmicas do sistema do Self estão interligadas entre si e com a natureza do seu desenvolvimento.

4. PESQUISAR A DINÂMICA DO SELF

Com o objetivo de contribuir para o escopo de nosso conhecimento sobre a dinâmica do Self em relação à aprendizagem de língua, um pequeno estudo piloto foi conduzido com quatro mulheres, aprendizes do terceiro nível de inglês como língua estrangeira (ILE) ao longo de um semestre, mais ou menos, quatro meses. Todas as alunas faziam parte de um curso de língua com habilidades integradas em uma universidade na Áustria, tinham nível de língua B2 (intermediário avançado) e estavam na faixa etária dos 20. Ao pesquisar a dinâmica de um sistema, é importante perceber o potencial das diferentes dinâmicas ao longo da trajetória. Logo, neste estudo, o Self foi investigado

retrospectivamente em nível macro ao longo de uma trajetória de anos utilizando autobiografias e simultaneamente durante os quatro meses de duração do curso utilizando aproximadamente três entrevistas igualmente espaçadas e profundas.

O estudo também examinou uma escala de tempo de nível micro da dinâmica. Na metade do curso, os estudantes envolvidos realizaram duas tarefas de produção oral diferentes em pares com duração total de aproximadamente 20 minutos. A primeira tarefa foi deliberadamente livre, na qual os alunos se apresentavam um ao outro com base em perguntas rápidas, como *'que livro ou filme ou programa de TV o seu parceiro tem apreciado recentemente?'*. A segunda tarefa envolvia uma discussão sobre problemas na cidade onde vivem, em que eles tinham de chegar a um acordo sobre as prioridades percebidas. Enquanto trabalhavam em conjunto nessas tarefas, eles foram filmados. Imediatamente, após as tarefas, cada participante foi entrevistado separadamente. Em seguida, eles assistiram ao vídeo para que pudessem avaliar os seus sentimentos de confiança na realização das tarefas. Essa autoconstrução foi escolhida por causa de sua fácil compreensão para as participantes e do contexto relativamente amplo. No entanto, é claro que isso representa apenas um fragmento de seu autossistema, mas para a viabilidade prática da pesquisa, tais necessidades fronteiriças devem ser definidas enquanto consciente de sua parcialidade no autossistema como um todo (ver também, adiante, a discussão em “Temas para investigar o Self como um sistema dinâmico complexo”). As respostas dos alunos sobre a percepção de sua autoconfiança foram gravadas usando o software *idiodynamic* (MacINTYRE; LEGATTO, 2011). Este software permite que os alunos assistam ao vídeo, retrospectivamente, possibilitando marcar com o mouse o nível de percepção de sua confiança em uma escala mais ou menos alta. Um gráfico do nível de percepção em termos de altos e baixos é então impressa e os participantes, em seguida, têm a oportunidade de comentar sobre o gráfico, bem como sobre o vídeo como uma forma de lembrança estimulada. O foco da entrevista ideodinâmica baseou-se nos motivos percebidos para quaisquer aumentos ou quedas na autoconfiança das participantes.

Todos os dados foram digitalizados, as entrevistas foram transcritas e todos os dados foram codificados linha-por-linha, em uma série de fases de codificação até a "saturação" no processo de codificação e nenhum novo código ou combinações de códigos

poderiam ser atribuídos. O foco da análise foi sobre as possíveis dinâmicas em termos de Self, bem como fatores percebidos que afetam o Self durante a interação nas tarefas de língua. Todos os quatro participantes deram o seu consentimento assinado para participar do estudo e foram utilizados pseudônimos para proteger suas identidades.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO: A DINÂMICA DO SELF

Na sua totalidade, havia notavelmente um dinamismo menor do Self nos relatos das alunas nesses conjuntos de dados em toda a trajetória de um semestre em comparação com o meu estudo anterior, utilizando dados longitudinais que cobriam três anos (MERCER, 2011b). Tal como foi sugerido por Shapka e Keating (2005: 93), para que as alterações fossem observadas nas autocrenças nesta idade e nível de proficiência, poderia ser necessário gerar dados para um período de tempo, idealmente superior a um ano. No entanto, não há relatos de mudanças percebidas no Self retrospectivamente nos dados autobiográficos. Contudo, neste capítulo, devido a limitações de espaço, gostaria de concentrar a minha discussão sobre duas outras formas de dinâmica evidentes nos dados. A primeira diz respeito à dinâmica ao longo do tempo em relação à certeza com que alguns dos participantes realizaram suas autocrenças a respeito de suas línguas estrangeiras, que era o domínio no foco deste estudo. A segunda diz respeito a dinâmicas situacionais resultantes, especificamente, dos dados ideodinâmicos durante as tarefas de produção oral.

5.1. DINÂMICAS NA TRAJETÓRIA DO SELF

Ao examinar possíveis dinâmicas no Self ao longo do tempo, é importante não se concentrar apenas em possíveis mudanças em termos do conteúdo de autoconfiança ou da positividade do senso de Self, mas a pesquisa também precisa considerar as mudanças que podem ocorrer em termos de qualidade, intensidade ou certeza com que as crenças ou sentimentos ocorrem. Um interesse particular para as dinâmicas é a certeza das

autocrenças, pois como parece provável que quanto mais certeza você tem sobre seu senso de Self, menos abertos à mudança provavelmente você estará. Por exemplo, Nora, que mostra um sentido forte, confiante e certo de si mesma, tinha consistência mais geral de suas crenças ao longo do semestre e, certamente, também em diferentes contextos. Ao contrário, Olivia, por exemplo, era relativamente confiante em suas habilidades, mas suas autocrenças demonstraram mais dinamismo, também na positividade de suas crenças, ao longo do tempo e dos contextos. No entanto, mais notadamente em todos os dados, ela expressa a incerteza sobre suas autocrenças e isso não pareceu mudar durante o estudo:

Devo admitir que é um pouco difícil para mim me descrever como uma aprendiz de língua estrangeira. Quero dizer que tenho vindo a aprender Inglês por cerca de dez anos e devo dizer que é muito difícil eu definir meus pontos fortes e fracos, uma vez que sempre mudam ao longo do tempo. (Olivia, autobiografia)

Bem, eu acho que melhorou um pouco, mas... é muito difícil observar o quanto ela é ao longo de um semestre. (Olivia, entrevista final)

A partir dessa análise, ressalto que um aspecto importante do trabalho com Self-relacionado interessado na dinâmica poderá ter de examinar com mais detalhes a extensão em que um indivíduo se sente certo em termos de suas autopercepções e avaliações. Por exemplo, Campbell (1990) propõe que os autoconceitos individuais não podem ser diferentes no que tange eles serem mais ou menos positivo ou negativo, mas em termos de “certeza de autoconceito” (CAC), que Campbell (1999:539) define como “a extensão para a qual o conteúdo ou as autocrenças estão clara e seguramente definidos”. Outra perspectiva sobre a autoconfiança é proposta por Nowak *et al.* (2000), que sugerem que a autoconfiança pode ser interligada com o grau em que o autossistema é integrado e coerente. Assim, estabelecer não só o conteúdo e os graus de positividade do senso de Self de um aluno, mas também a sua clareza e confiança, pode ser crucial para a compreensão da dinâmica e estruturas do autossistema dos aprendizes.

5.2. DINÂMICAS SITUACIONAIS

O segundo conjunto de chaves da dinâmica diz respeito a mudanças que eram contextuais quanto a sua natureza e que revelavam o contexto-dependência de autocrenças e emoções. Ao longo das tarefas de produção oral, todos os quatro participantes relataram altos e baixos em seus níveis de autoconfiança durante a interação. Dada a compreensão da complexidade do autossistema em um estado constante de flutuações de auto-organização, tal dinamismo já era esperado (cf. VERSPOOR *et al.*, 2008). No entanto, deve-se ter o cuidado quanto à necessidade de ter de informar sobre possíveis mudanças que poderiam levar os participantes a relatar maior dinamismo do que realmente sentiam, a fim de serem vistos como ativos e atentos durante a lembrança estimulada. Embora os dados do gráfico revelem diferenças entre os indivíduos, com alguns indicando maior e algumas poucas mudanças ao longo do tempo, bem como diferentes graus de intensidade em sua autoconfiança (picos superiores e inferiores e depressões nos gráficos), um aspecto interessante dos gráficos que requer uma análise mais detalhada é que, à primeira vista, essas mudanças parecem ser padrões globais isolados para cada par. Essas não são conclusões puras e exatas, mas parece haver um fluxo geral para os respectivos pares de gráficos que sugerem a possibilidade de haver potencial em explorar possíveis padrões nas respostas dos alunos e sua interação. Para ilustrar, os gráficos de Marta e Olivia referentes ao seu trabalho em pares na segunda tarefa de produção oral são apresentados nas Figuras 1 e 2.

Por exemplo, ambos os gráficos têm dois picos claros para o fim em um ponto da discussão em que elas estavam compartilhando histórias semelhantes sobre uma experiência comparável que ambas haviam tido. Foi um período da tarefa que incluiu diálogo ampliado para cada participante e um segmento de forte empatia e negociação entre as duas alunas. Apesar de não fazer parte do escopo deste texto explorar essa sugestão em profundidade aqui, o trabalho de Verspoor *et al.* (2008) sugere procedimentos analíticos mais detalhados para a comparação de dados de gráficos e, portanto, examinar a possibilidade de padrões entre os parceiros de interação, bem como entre padrões de desenvolvimento do Self individual. É importante ressaltar que essa análise permite aos pesquisadores investigar possíveis interligações entre o autossistema

individual do aluno durante o trabalho em duplas ou potencialmente, mesmo quando estão em grupos. Em termos de uma perspectiva da complexidade, Shoda *et al.* (2002) sugerem que Selves são interdependentes e que uma díade se desenvolve em sua própria “personalidade”, que não pode ser pensado como resultante da soma cumulativa dos dois indivíduos envolvidos, mas que tem um carácter emergente resultante da interação destes dois autossistemas únicos. Conceituar o Self como um sistema dinâmico complexo significa que este é entendido como um “sistema aberto”, que pode ser influenciado por outros sistemas, tais como outros indivíduos, contextos e grupos. Tais formas de conceber sistemas podem, portanto, oferecer uma nova maneira de pensar sobre as possíveis relações entre o indivíduo, Selves relacionais e coletivos (ver, por exemplo, SEDIKIDES; BREWER, 2001).

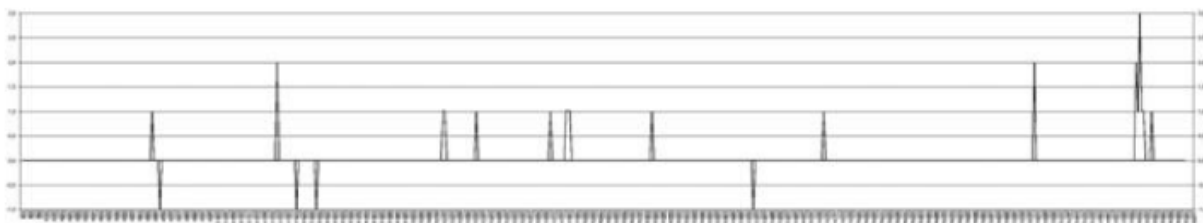


Figura 1: Gráfico da fala de Martha na tarefa de produção oral 2.

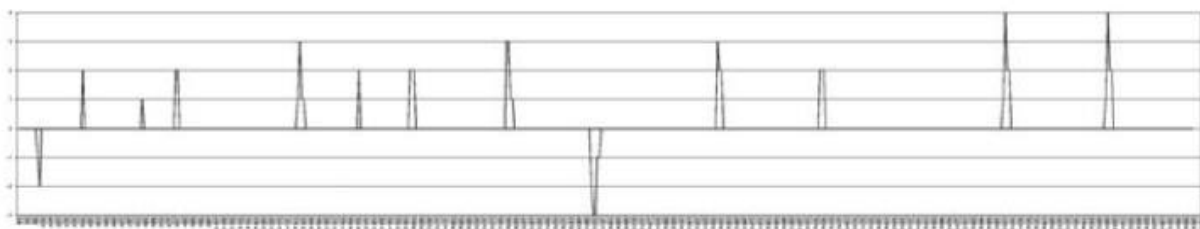


Figura 2: Gráfico da fala de Olivia na tarefa de produção oral 2.

Uma dimensão particularmente interessante para a dinâmica situacional refere-se a própria consciência da dependência do contexto da autoconfiança dos alunos. Todas as alunas foram capazes de interagir nas situações e nos contextos nos quais sentiram que suas autocrenças poderiam ser afetadas. Por exemplo:

Em geral eu me considero uma pessoa que se sente mais confortável ao falar Inglês do que escrever em inglês, embora haja exceções, por exemplo, quando estou muito nervosa durante um exame oral. (Martha, autobiografia)

... não é difícil para eu falar em Inglês, mas, se a outra pessoa não está respondendo, é um pouco estranho, no momento, por isso eu me sinto um pouco menos confiante. (Nora, entrevista ideodinâmica)

Elas também foram capazes de articular os padrões sobre quando elas normalmente se comportam de uma certa maneira em contextos específicos ou em condições específicas, por exemplo:

Eu acho que quando nós temos algumas atividades em grupo e temos de fazer algum trabalho em grupo, eu sou geralmente a pessoa que inicia a conversa. Isso, porque às vezes você está sentada em um círculo e quatro pessoas olhando uns para os outros e eu sou aquela que começa “O que você acha sobre isso?” (Olivia, primeira entrevista)

O reconhecimento de padrões em seu próprio comportamento foi especialmente marcante nos dados ideodinâmicos. Uma razão para isto pode ser que ao observar-se em vídeo pode ter facilitado os processos de autorreconhecimento. Por exemplo, Martha assistiu ao vídeo e reconheceu a utilização de expressões de hesitação como um indicador observável da sua falta de confiança:

Quando eu uso expressões, como “ähm”, “ah”, ... Me sinto menos confiante. Isto é o que eu reconheço quando eu me vejo. (Martha, entrevista ideodinâmica)

Ainda que Patrizia reconheça seu nervosismo ao rir, este é usado para disfarçar o fato de que ela se sente nervosa e insegura em relação a si mesma:

O que eu posso ver, cada vez que eu rio, é que eu quero esconder a minha “Unsicherheit” [insegurança]. (Patrizia, entrevista ideodinâmica)

Tais comportamentos podem ser compreendidos como uma externalização, expressão incorporada à ideia do Self interior e que mostra as interconexões entre ambos. Isso implica que, em combinação com os dados do autorrelato, há potencial nos dados observacionais informados caso haja padrões em determinados comportamentos que foram estabelecidos.

Essas dinâmicas situacionais espelham o trabalho de Mischel (2004), que se refere a padrões semelhantes na pesquisa de personalidade como "SE-ENTÃO assinaturas". Em relação ao Self, isto significa que SE determinadas situações e fatores vêm juntos, ENTÃO eu geralmente ou tipicamente me sinto desta forma ou me comporto de uma certa maneira. Isto sugere que, embora haja variação nas autocrenças e nos sentimentos através de contextos e situações, pode haver também padrões para isso.

Essencialmente, isso implica que nem todas as variações intra-aluno podem ser aleatórias, mas, de acordo com o pensamento da complexidade, poderia haver padrões para o comportamento do sistema, o que poderia revelar características incorporadas do autossistema, possivelmente, refletindo determinadas consistências para aspectos do Self, como crenças, motivações, objetivos e/ou emoções. Desta forma, os padrões situacionais nos autossistemas podem ajudar a explicar a ligação entre a dinâmica situacional do Self e do que tem sido referido como o sentido do núcleo de si que parece ser mais estável ao longo do tempo (ver, por exemplo, MERCER, 2011b).

É importante ressaltar que esses dados sugerem que precisamos de uma melhor compreensão das características de uma situação ou contexto e as formas em que estes podem ser relevantes para o senso de Self de um indivíduo. É insuficiente para considerar um contexto de um modo monolítico, estático, como relevantes para a sensação de Self de um aluno, como em termos de “uma sala de aula” ou “uma atividade em pares”. Em consonância com o pensamento da complexidade, contextos precisam ser conceituados tanto como um sistema dinâmico complexo, por direito próprio e, simultaneamente, como uma parte integrada do autossistema do aluno. Não é a definição ou o contexto em si que é importante, mas sim como o indivíduo o percebe e o avalia. Assim, para entender a dinâmica situacional do Self, também precisamos saber quais fatores situacionais são percebidos como relevantes para um indivíduo em um ambiente particular, como eles os avaliam e os interpretam, e quaisquer padrões para esse comportamento. A próxima seção irá considerar em mais detalhes o que alguns desses fatores situacionais podem ser.

5.3 FATORES EM DINÂMICAS SITUACIONAIS

Não é surpreendente que, na dinâmica situacional de sua autoconfiança, todos os alunos tenham atribuído um papel importante a seu parceiro interacional. Os dados indicam claramente como a própria autoconfiança do indivíduo pode ser afetada pela forma como eles percebem o seu parceiro, o seu nível de Inglês, as suas trocas interacionais e o clima afetivo entre eles. Coincidentemente, as quatro aprendentes comentaram sobre a importância de seus parceiros demonstrarem interesse em ouvir os seus comentários, o que colaborou para a autoconfiança delas:

... quando eu estava falando sobre a minha viagem no verão, a confiança cresceu enquanto eu, bem, eu percebi em suas expressões faciais que ela estava muito interessada no que eu estava fazendo. (Olivia, entrevista ideodinâmica)

Todas elas também mencionaram a importância da qualidade da relação afetiva. No entanto, em parte, elas optaram por se concentrar em diferentes aspectos da interação e do interlocutor. Por exemplo, Nora e Martha salientaram a importância de descobrir que elas tinham algo em comum:

E lá ela ficou mais alta, a autoconfiança, porque vimos desde o início que tivemos algumas coisas em comum que escolhemos, por isso foi um pouco mais fácil. (Nora, entrevista ideodinâmica)

Nora relatou que sua confiança foi particularmente afetada pelo fato de que elas estavam concordando ou discordando sobre um tópico e se elas haviam sentido que compartilhavam de pontos de interesse com o outro:

E aí [minha autoconfiança] levantou-se porque ela concordou comigo sobre isso. (Nora, entrevista ideodinâmica)

Em contraste, Martha foi a única a explicar que a sua autoconfiança foi afetada pela percepção do nível de Inglês do parceiro em comparação com a sua própria:

Às vezes eu acho que ela usou, na minha opinião... ela usou uma ampla gama de vocabulário e às vezes, quando as pessoas falam comigo e usam

um inglês muito bom, fico menos confiante porque penso “eu não consigo falar tão bem”. (Martha, entrevista ideodinâmica)

Além disso, para o interlocutor, as participantes mencionaram também outros fatores situacionais. Por exemplo, todas as alunas relataram que sua confiança foi influenciada pelos tipos de tarefas, especialmente, quando se tratava de um tópico que elas sentiam que poderiam falar facilmente a respeito:

Aí eu estava muito confiante, porque eu poderia falar sobre algo que eu estou muito, muito interessada. (Nora, entrevista ideodinâmica)

Todas elas também mencionaram que a sua confiança aumentou à medida que o tempo passava, simplesmente como resultado de tornar-se mais familiarizadas com o contexto, as tarefas e suas parceiras:

Eu só preciso de algum tempo para encontrar o meu caminho na conversa e assim no início eu estava menos confiante. (Olivia, entrevista ideodinâmica)

À exceção de Nora, que tem um nível excepcionalmente elevado de inglês, todas as outras participantes relataram, por várias vezes, que sua confiança foi afetada pelo fato de que elas estavam tendo dificuldade em encontrar vocabulário ou estavam incertas sobre o uso da gramática ou da pronúncia, por exemplo:

Ah, aí eu perdi um pouco da minha confiança, porque eu tinha uma frase na minha cabeça, mas eu não terminei e assim o início e o fim desta frase realmente não correspondiam. (Olivia, entrevista ideodinâmica)

Curiosamente, apenas Martha comentou sobre a sua confiança sendo negativamente afetada pela presença da câmera de vídeo. No entanto, seu desconforto por ter sido observada ou julgada é um tema persistente para ela em todas as suas entrevistas, e é possível que sua confiança seja particularmente sensível a essa sensação de ser observada ou monitorada como um fator contextual:

... na universidade eu me sinto como sendo julgada e o registro de professores e tudo que você diz é analisado e eu sempre tenho que pensar sobre o que dizer. (Martha, entrevista final)

Assim, embora haja pontos comuns em todas as alunas sobre fatores no contexto afetando sua autoconfiança, certas características do contexto desempenharam um papel particularmente elevado para certos indivíduos. Por exemplo, nos dados de Nora, conforme descrito anteriormente, é notório que ela procura estabelecer uma negociação com sua parceira, os pontos de convergência e um clima afetivo positivo são importantes para ela. Esses fatores podem ser indicativos de características de personalidade subjacentes, como afabilidade e uma antipatia de conflito. Em consonância com a perspectiva da complexidade, uma visão mais holística do Self iria incorporar tanto os aspectos conscientes quanto inconscientes deste, unindo, assim, personalidade e autoinvestigação. Uma direção interessante para pesquisas futuras será explorar se poderia haver padrões em termos dos tipos de fatores contextuais, que são importantes para um indivíduo, uma vez que muitos destes padrões também podem revelar características incorporadas de um aluno ao autossistema. Essencialmente, todos os dados enfatizam que, se quisermos uma análise completa da dinâmica do Self, precisamos de uma consideração sobre a compreensão das autocrenças e das emoções reais em termos de conteúdo, qualidade, positividade, intensidade e segurança, bem como de uma completa apreciação da relevância e dos fatores contextuais particularmente significativos e de suas dinâmicas.

6. TEMAS PARA PESQUISAR O SELF COMO UM SISTEMA COMPLEXO DINÂMICO

Pesquisar o Self em uma perspectiva da complexidade é sem dúvida um desafio. Como Vallacher *et al.* (2002b: 266) afirmam, “a estrutura da experiência social humana é simplesmente muito complexa e multifacetada para admitir uma descrição completa, menos ainda uma previsão precisa”. A impossibilidade de a tarefa tornar-se evidente quando se considera a complexa rede de vários tipos e níveis de autocrenças relacionadas, emoções, motivações, funções e processos de alongamento ao longo do tempo, o lugar e

domínios – todos os quais estão inter-relacionados não só uns com os outros, mas também com vários contextos e outros sistemas maiores de formas complexas, potencialmente mutáveis e imprevisíveis (cf. MERCER, 2012). Embora, idealmente, a investigação possa buscar manter o máximo de uma perspectiva holística como é empiricamente possível, na realidade, os limites precisam ser definidos e as unidades de análise selecionadas. No entanto, em vez de retornar para conceptualizações reducionistas mais firmemente definidas do Self, talvez precisemos explorar formas mais holísticas de ver a si mesmo. No meu caso, escolhi fazer uma distinção entre o ser completo enquanto autossistema como um todo e o enfoque no senso de Self do aprendiz definido como autocrenças situadas e incorporadas, motivações e emoções relatadas ao longo da vida de uma pessoa e, diversos domínios de um componente central do autossistema. Na seção ideodinâmica do estudo relatado neste trabalho, foi necessário selecionar uma construção ainda mais rigidamente definida, a fim de concentrar a atenção das participantes e comunicar-se com elas usando um termo familiar e de fácil reconhecimento. Como resultado, o termo autoconfiança foi escolhido; no entanto, assumir uma perspectiva da complexidade implica a necessidade de manter consciência e humildade sobre os limites de nosso conhecimento e de nossa pesquisa sobre o Self. Assim, em relação aos dados relatados aqui, é claro que, embora os dados ideodinâmicos forneçam informações valiosas sobre a dinâmica de um aspecto do autossistema, em caso de necessidade empírica, eles representam apenas um fragmento do quebra-cabeça maior do Self. Ele permanecerá por meta-comentários e abordagens integradoras para reunir todos os fragmentos para criar uma imagem mais completa.

Em termos de pesquisar a dinâmica do Self, precisamos garantir que temos uma margem de compreensão da dinâmica como estes podem referir-se a processos que podem potencialmente envolver a estabilidade, a estabilidade dinâmica, a mudança parcial, a mudança repentina, alterações cumulativas e graus de mudança. Além disso, a mudança não precisa implicar apenas alteração no conteúdo, na forma e na positividade de crenças autorrelacionadas, motivações e emoções, mas também pode envolver alterações na qualidade, na quantidade, na intensidade, na segurança, bem como nas mudanças no papel respectivo de componentes do sistema, seu significado e inter-relações no sistema como um todo (ver MERCER, 2009; 2011b).

Com relação aos métodos, percebi que várias abordagens qualitativas têm muito a contribuir para nossa compreensão do Self a partir de perspectivas da complexidade em termos de profundidade, detalhes e perspectivas holísticas que possam ser empregadas (ver por exemplo Mercer, 2011b). Em particular, este estudo mostrou o potencial nas abordagens inovadoras de pesquisa para dinâmicas, tal como a utilização do software ideodinâmico e lembranças estimuladas em relação à dinâmica de situação de curto prazo. Tal como acontece com qualquer método, há desvantagens, tais como as questões rotineiras de autorrelato, viés de memória e o potencial problema de ganhar uma visão exagerada da dinâmica de um aluno durante uma interação. No entanto, essas inovações em ferramentas de pesquisa podem gerar novas ideias e ajudar a avançar o nosso pensamento para a compreensão de quanto tempo as dinâmicas temporais do Self podem interligar-se ao micronível, denominadas dinâmicas situacionais (para um outro projeto de software de dinâmica inovadora para o Self, ver também o “paradigma mouse”, VALACHER *et al.*, 2002a).

7. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

Este trabalho mostrou que o senso de Self do aluno em relação à aprendizagem de língua é altamente complexo, pessoal e seu desenvolvimento é difícil de prever, dada a interação dinâmica de vários processos internos e externos em todo tempo e lugar. Isso significa que seria ingênuo e enganoso pensar, em face de tal complexidade, que pode diretamente influenciar ou prever como o senso de Self de nossos alunos pode mudar e se desenvolver facilmente. No entanto, como professores, podemos tentar criar ambientes e condições positivas de aprendizagem favoráveis para ajudar a melhorar o senso de Self dos aprendizes no que diz respeito aos domínios relacionados com a língua. Especificamente no que diz respeito às tarefas de língua, que foram o foco deste estudo, se quisermos promover um ambiente mais positivo, é importante atentar a fatores, tais como as relações interpessoais entre os interlocutores e sua qualidade afetiva, bem como o papel pessoal, relevante e interessante dos tópicos, e tempo para os alunos se familiarizarem um com o outro. Ainda, o nosso desafio como professores é garantir que

os alunos possam conectar suas experiências de aprendizagem de línguas em sala de aula com o seu senso de Self, continuamente emergente e intrínseco de forma positiva. Em última análise, não podemos dizer ou ensinar a nossos alunos como se sentir e pensar sobre si mesmos enquanto aprendizes de línguas, mas podemos apreciar e respeitar os indivíduos únicos e complexos com os quais trabalhamos em nossas aulas, e neste sentido é provável que promova uma boa base para aprendermos juntos no futuro.

Sugestões de leituras futuras

Mercer, S. (2011) The self as a complex dynamic system. *Studies in Second Language Learning and Teaching* 1 (1), 57–82.

Este artigo é um documento conceitual inicial descrevendo a justificativa para conceber o Self em ASL como um sistema dinâmico complexo.

Osborne, R.E. (1996) *Self: An Eclectic Approach*. Needham Heights: Allyn & Bacon.

Este é um excelente livro que apresenta uma abordagem integrativa sobre o Self e reúne muitas vertentes diferentes de pesquisa e perspectivas sobre o assunto.

Mischel, W. and Morf, C.C. (2003) The self as a psycho-social dynamic processing system: A meta-perspective on a century of the self in psychology. In M.R. Leary and J.P. Tangney (eds) *Handbook of Self and Identity* (pp. 15–43). New York: The Guildford Press.

Este capítulo abrangente descreve algumas das conexões entre o Self e a personalidade e transforma-se em um caso explícito na perspectiva dos sistemas dinâmicos no Self.

REFERÊNCIAS

1. CAMPBELL, J.D. Self-esteem and clarity of the self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology* v.3, n^o 59, 1990, 538–549.
2. DEAUX, K.; PERKINS, T.S. The kaleidoscopic self. In: SEDIKIDES, C.; BREWER M.B. (eds) *Individual Self, Relational Self, Collective Self*. Philadelphia: Psychology Press, 2001. P. 299–313.
3. DÖRNYEI, Z.; USHIODA, E. (eds) *Teaching and Researching Motivation*. Harlow: Pearson, 2011.
4. EHRMAN, M.E.; DÖRNYEI, Z. *Interpersonal Dynamics in Second Language Acquisition*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998
5. HARTER, S. *The Construction of the Self: A Developmental Perspective*. New York: Guilford Press, 1999.
6. LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. *Complex Systems and Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
7. LEWIN, K. *Field Theory in Social Science*. New York: Harper & Row, 1951.
8. MACINTYRE, P.D.; LEGATTO, J.J. A dynamic system approach to willingness to communicate: Developing an idiodynamic method to capture rapidly changing affect. *Applied Linguistics* v. 2, n^o 32, 2011, p. 149–171.
9. MARKUS, H.; KUNDA, Z. Stability and malleability of the self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology* v. 4, n^o 51, 1986, p. 858–866.
10. MARKUS, H.; WURF, E. The dynamic self-concept: A social-psychological per-
11. spective. *Annual Review of Psychology* n^o 38, 1987, p. 299–337.
12. MASON, M. What is complexity theory and what are its implications for educational change? In: MASON, M. (ed.) *Complexity Theory and the Philosophy of Education*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2008. P. 32–45
13. MERCER, S. The dynamic nature of a tertiary learner's foreign language self-concepts. In: PAWLAK, M. (ed.) *New Perspectives on Individual Differences in Language Learning and Teaching*. Poznań – Kalisz: Adam Mickiewicz University Press, 2009. p. 205–220

- 14.** MERCER, S. The self as a complex dynamic system. *Studies in Second Language Learning and Teaching* v. 1, n° 1, 2011a, p. 57–82.
- 15.** MERCER, S. Language learner self-concept: Complexity, continuity & change. *System* v. 3, n° 39, 2011b, p. 335–346.
- 16.** MERCER, S. Self-concept: Situating the self. In: MERCER, S., RYAN, S.; WILLIAMS, M. (eds) *Psychology for Language Learning: Insights from Research, Theory and Practice*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2012. p. 10–25
- 17.** MERCER, S., RYAN, S.; WILLIAMS, M. (eds) *Psychology for Language Learning: Insights from Research, Theory and Practice*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2012.
- 18.** MISCHEL, W. (2004) Toward and integrative science of the person. *Annual Review of Psychology* v. 1, n° 55, 2004, p. 1–22.
- 19.** MISCHEL, W.; MORF, C.C. The self as a psycho-social dynamic processing system: A meta-perspective on a century of the self in psychology. In: LEARY, M.R. and TANGNEY, J.P. (eds) *Handbook of Self and Identity*. New York: The Guildford Press, 2003. p. 15–43
- 20.** MORIN, E. *On Complexity*. Cresskill: Hampton Press, 2008.
- 21.** MRUK, C.J. *Self-Esteem Research, Theory, and Practice*. New York: Springer Publishing Company, 2006.
- 22.** NEISSER, U. Five kinds of self knowledge. *Philosophical Psychology* n° 1, 1998, p. 35–59.
- 23.** NOWAK, A. et al. Society of self: The emergence of collective properties in self structure. *Psychological Review* v. 1, n° 107, 2000, p. 39–61.
- 24.** NOWAK, A.; VALLACHER, R.R.; ZOCHOWSKI, M. The emergence of personality: Dynamic foundations of individual variation. *Developmental Review* n° 25, 2005, p. 351–385.
- 25.** ONORATO, R.S.; TURNER, J.C. (2004) Fluidity in the self-concept: the shift from the personal to social identity. *European Journal of Social Psychology* v. 3, n° 34, 2004, p. 257–278.
- 26.** OSBORNE, R.E. *Self: An Eclectic Approach*. Needham Heights: Allyn & Bacon, 1996.
- 27.** SCHWARTZ, A. Self-as-organism and sense of self: Toward a differential conception. *The Journal of Ayn Rand Studies* v. 1, n° 9 (1), 2007, p. 93–111.

- 28.** SEDIKIDES, C.; BREWER, M.B. (eds) *Individual Self, Relational Self, Collective Self*. Philadelphia: Psychology Press, 2001.
- 29.** SHAPKA, J.D.; KEATING, D.P. Structure and change in self-concept during adolescence. *Canadian Journal of Behavioural Science* v. 2, n° 37, 2005, p. 83–96.
- 30.** SHODA, Y.; TIERNAN, S.L.; MISCHEL, W. Personality as a dynamical system: Emergence of stability and distinctiveness from intra- and interpersonal interactions. *Personality and Social Psychology Review* v. 4, n° 6, 2002, p. 316–325.
- 31.** VALLACHER, R.R.; NOWAK, A. The emergence of dynamical social psychology. *Psychological Inquiry* v. 2, n° 8, 1997, p. 73–99.
- 32.** VALLACHER, R.R., NOWAK, A.; FROEHLICH, M. The dynamics of self-evaluation. *Personality and Social Psychology Review* v. 4, n° 6, 2002a, p. 370–379.
- 33.** VALLACHER, R.R.; READ, S.J.; NOWAK, A. The dynamical perspective in personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review* v. 4, n° 6, 2002b, p. 264–273.
- 34.** VAN LIER, L. *The Ecology and Semiotics of Language Learning: A Sociocultural Perspective*. Norwell, Mass.: Kluwer Academic Publishers, 2004.
- 35.** VERSPOOR, M.; LOWIE, W.; VAN DIJK, M. Variability in second language development from a dynamic systems perspective. *The Modern Language Journal* v. 2, n° 92, 2008, p. 214–231.